

Clima *Cud* melhor *Est*

por Mário de Almeida
de Paris
(Continuação de 1ª página)

pequenas fatias individuais. Haverá uma certa deserção, estimada em US\$ 25 milhões a 30 milhões.

• Suíça-cota de US\$ 200 milhões. A reunião com o presidente do Banco Central brasileiro foi considerada boa. O Banco Central prestigiou o encontro, ao contrário do Bundesbank, que não mandou representante, apesar de convidado a participar da exposição em Zurique. Os três grandes, UBS, Credit Suisse e SBC, estão provisionados e têm uma posição próxima dos alemães, preferindo uma negociação que suspendesse também o pagamento dos juros. A deserção é estimada por enquanto em US\$ 40 milhões —

• Itália — deverá participar com pouco menos de US\$ 200 milhões. Uma das praças consideradas mais difíceis e morosas. Não há ainda uma posição comum entre os grandes — Commerciale, Banco de Roma, Crédito Italiano e San Paolo, de Torino. O governo é dono de todas essas instituições. Antes de dar as instruções, porém, quer conversar com o governo brasileiro a respeito da balança comercial, solidamente positiva do lado brasileiro. Um acerto nesse campo significará uma participação sem deserções.

• França-terá uma fatia próxima de US\$ 700 milhões e vai participar, por decisão do governo, acionista dos quarenta maiores bancos comerciais.

• Japão — terá US\$ 500 milhões e está também entre as praças seguras.

Os problemas dos dois maiores credores, Estados Unidos e Inglaterra, são específicos e mais complicados. Em Londres, além dos bancos locais, há muitas casas pequenas, filiais por exemplo de bancos holandeses, belgas ou austríacos, que teriam de participar do próximo jumbo porque têm empréstimos brasileiros a vencer até dezembro de 1984. A praça tem uma cota superior a US\$ 1,2 bilhão e a taxa de deserção será alta, talvez próxima de US\$ 200 milhões.

Nos Estados Unidos, a pulverização do sistema financeiro aumentaria teoricamente o risco de deserções. A cota oscila entre US\$ 2,6 bilhões a US\$ 2,7 bilhões, mas a força de pressão dos grandes bancos de Nova York manterá em linha a maioria dos pequenos bancos regionais. O buraco não será maior que o de Londres, ou seja, US\$ 200 milhões.

Os Estados do resto do mundo teriam de completar US\$ 300 milhões para fechar o empréstimo. O grau de deserção é comple-

tamente aleatório.

Em linhas gerais, é possível estimar que um bom entendimento com Alemanha, Suíça e Itália, os pontos mais difíceis no mapa mundial do jumbo, permitiria reunir um pacote de US\$ 5,8 bilhões a 5,9 bilhões firmes, com US\$ 600 milhões a 700 milhões em deserções. Com essa participação chegaria-se a um índice próximo de 90% de adesões em volume de recursos, acima dos cálculos do "advisory committee", que se impunha um piso de 80% na véspera da volta ao mundo de Affonso Pastore.

A chave do sucesso do jumbo está portanto na resposta dos bancos da Alemanha, ligados entre si por um compromisso simultaneamente positivo e frágil. A desistência de uma só instituição poderia desmontar a importante participação desse país, deixando um buraco impossível de ser preenchido.

Clima *Cud* melhor *Est* entre os bancos

28 OUT 1983
por Mário de Almeida
de Paris

O clima entre os credores externos melhorou consideravelmente duas semanas antes do encerramento da subscrição do jumbo de US\$ 6,5 bilhões que o Brasil negocia com o mercado privado internacional. Há um buraco nada desprezível que terá de ser preenchido sob uma forte pressão dos bancos maiores, especialmente dos norte-americanos, mas é possível afirmar que o pacote será fechado desde que não haja problemas com o FMI.

As condições são bem diferentes em cada praça financeira. Este jornal levantou a situação nos pontos críticos, depois da visita do presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore:

• Alemanha — Tem uma cota prevista de US\$ 550 milhões. Praça considerada difícil. Os três grandes bancos comerciais, Deutsche, Commerzbank e Dresdner representam três quartos da contribuição. Todos participam desde que os demais bancos alemães também entrem no pacote. Essa é uma armadilha que exigirá delicadas negociações por parte do "advisory committee", de Nova York. Os bancos alemães não se colocam propriamente contra o governo brasileiro, mas não estão de acordo com a estratégia dos grandes bancos norte-americanos, que, premidos por exigências legais, insistem em cobrar os juros no período 1983/84.

O Bundesbank (banco central alemão) obriga cada banco a fazer uma provisão geral sobre os empréstimos externos, que varia entre 10 e 15% a cada ano. Cada instituição é livre para repartir essa reserva de acordo com a sua carteira. A informação disponível é de que quase todos já cobriram suas posições brasileiras. Por isso prefeririam um pacote que capitalizasse os juros até o final do próximo ano, de forma a evitar que haja nova negociação dentro de dezoito meses. A impressão global é de que a cota será fechada, a menos que um dos pequenos bancos independentes resolva fincar o pé.

GAZETA MERCANTIL

• Golfo Pérsico — As operações estão centralizadas em Bahrein e a cota é de US\$ 170 milhões. Os três grandes bancos internacionais da região, Arab Banking Corporation, Gulf International e Koweit Foreign Trade, representam US\$ 100 milhões e decidiram entrar no pacote, especialmente depois da exposição de Pastore. O resto do dinheiro cabe a trinta outros bancos, com

(Continua na página 16)